

Escolas de Arquitetura  
vão fazer balanço do  
convênio com o BNH



A Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura — ABEA, representante dos 25 estabelecimentos de ensino de arquitetura do país, pretende realizar tão logo se conheçam os resultados do concurso para o Convênio do BNH, uma reunião para fazer um balanço das atividades e opiniões sobre o andamento do Convênio em cada escola. Visa enriquecer e ampliar a experiência, corrigindo os erros, na medida do possível.

As informações e conclusões sobre essa fase experimental do Convênio — da qual participaram as faculdades de arquitetura da Universidade Federal do Paraná, Bahia, Ceará e Brasília; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Souza e Silva, do Rio de Janeiro; Mackenzie e São José dos Campos, de São Paulo — serão divulgadas através do boletim da ABEA, tão logo se realize a reunião.

Na FAU-Mack estavam sendo desenvolvidos três projetos para o concurso — um para a área já destinada à habitação pelo projeto Leste, outro para a área do projeto Cura-Jabaquara e o último para uma área residencial de Itaquera —, mas apenas o primeiro foi entregue. Mesmo esse, de acordo com a decisão da comissão encarregada do julgamento dos trabalhos — integrada pelos professores Sami Bussab, Fábio Canteiro, Vasco de Mello, Candi Hirano, Galba Osório, Tito Lívio Frascino e Claudio Gomes —, não concorrerá ao prêmio

semestral de 100 UPC (Unidades Padrão de Capital). “Não porque lhe falte qualidade ou por um problema de capacidade dos alunos. Acontece que, como o trabalho foi adaptado para fazer parte do Convênio e não feito especialmente para ele, estava falho em relação à filosofia, à forma definida pelo banco. Por isso, resolvemos esperar o próximo ano letivo, quando começaremos já dentro das normas do Convênio”, afirmou o professor Sami.

Para os alunos que participaram do trabalho visando o concurso, o maior estímulo foi o contato que tiveram com a realidade urbana. “Ao invés de trabalharmos com teoria e elaborarmos projetos sob condições hipotéticas ideais, nos defrontamos com problemas reais que encontraremos durante o exercício profissional. O trabalho que fizemos, nos deixou com os pés na terra, além de nos oferecer uma visão mais geral e real do nosso papel na sociedade”, disse uma das estudantes que participou da elaboração do projeto habitacional para a área do projeto Leste. “E só a idéia de poder participar da execução de um projeto feito por nós mesmos, fascina qualquer profissional que está iniciando a carreira”, concluiu.

Ana Lúcia, outra integrante do grupo, acredita que a idéia desse convênio é excelente por possibilitar uma maior participação do aluno na

realidade urbana dentro da qual trabalhará. “É disso, justamente, que se ressentem todo curso universitário: a falta de prática dentro do campo que a gente escolhe. Quando se começa a trabalhar, iniciam-se os problemas: a gente se sente perdida, no ar, sem saber como aplicar na prática tudo aquilo que aprendemos teoricamente”, afirma. Acha, contudo, que este ano, provavelmente por causa do Convênio ter sido assinado no meio do ano letivo, as coisas ficaram um pouco no ar, o que dificultou a elaboração dos projetos.

O principal objetivo do BNH com a realização desses convênios é estimular a pesquisa no campo da habitação popular dentro das universidades, a fim de que se chegue a novas perspectivas para a solução do problema habitacional brasileiro, especialmente aqueles referentes aos programas para atendimento das camadas populacionais menos favorecidas. Daí a escolha do problema do Planhap, como tema básico. O banco, contudo, apenas definiu a forma. O projeto, tanto na definição dos objetivos quanto no esquema operacional, e a orientação do trabalho é de exclusiva responsabilidade dos orientadores, professores e alunos, estando as instituições de ensino liberadas para encaminhar seus princípios da forma que julgarem adequada e deixando margem de estímulo à criatividade.